

MARCELO DASCAL
(ORG.)

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

F977
v. 1 —

Fundamentos metodológicos da linguística / Marcelo
Dascal, org. — São Paulo: Global, 1978 —
(Global universitária : Série
linguagem, comunicação e sociedade)

Texto de vários autores por diversos tradutores.
Bibliografia.

Conteúdo : v. 1. Concepções gerais da teoria lin-
guística.

1. Linguagem 2. Lingüística I. Dascal, Marcelo,
1940 — II. Título.

78-0653

CDD-410
400

índices para catálogo sistemático :

1. Linguagem 400
2. Lingüística 410

FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DA LINGUÍSTICA
VOL. I

**CONCEPÇÕES GERAIS
DA
TEORIA LINGÜÍSTICA**

M. DASCAL

L. BLOOMFIELD

N. CHOMSKY

G. LAKOFF

M. HALLIDAY

UNICAMP

Katz (1964), p. 100). Halle aponta que existe em russo uma regra que faz com que as obstruentes fiquem sonoras quando seguidas por uma obstruente sonora. Em seguida, observa que, se existisse um nível de fonêmica taxonômica, esta regra geral não poderia ser formulada, mas deveria ser dividida em duas regras, a primeira relacionando a morfofonêmica à representação fonêmica: (1) obstruentes com exceção de c, č e x ficam sonoras antes de obstruentes sonoras; e a segunda relacionando a representação fonêmica à representação fonética: (2) c, č e x ficam sonoras antes de obstruentes sonoras. Conforme diz Chomsky em sua discussão, "a única consequência de supor que há um nível fonêmico taxonômico é tornar impossível fazer a generalização". O estruturalista resistente poderia dizer simplesmente que a generalização era espúria, que realmente existiam duas regras e que não havia razão para abandonar a fonêmica taxonômica. Nesse caso, a argumentação é impossível. É tão racional acreditar em fonêmica taxonômica sobre esses fundamentos quanto seria manter as posições da sintaxe arbitrária ou autônoma face aos exemplos discutidos acima.

Deve-se observar, para concluir, que a gramática transformacional tem, em seu aparato teórico, um mecanismo formal para expressar a afirmação de que uma generalização não existe. Esse mecanismo formal é expresso pela notação de chaves. A notação de chave é usada para enumerar uma disjunção de ambientes em que uma regra se aplica. A afirmação implícita feita pelo uso dessa notação é que os itens na lista (os elementos da disjunção) não têm em comum nenhuma propriedade relevante à operação da regra. Do ponto de vista metodológico, as chaves são uma admissão de fracasso, pois elas dizem que não existe nenhuma regra geral e que a única coisa que podemos fazer é enumerar os casos em que uma regra se aplica.

Traduzido por Raquel Salek Fiad

AS BASES FUNCIONAIS DA LINGUAGEM *

M. A. K. HALLIDAY

O que se entende por "abordagem funcional" do estudo da linguagem? Investigações sobre as "funções da linguagem" têm aparecido freqüentemente com destaque na pesquisa lingüística; há várias razões possíveis para se querer obter alguma percepção a respeito de como a linguagem é usada. Entre outras coisas, seria útil poder estabelecer alguns princípios gerais relacionados ao uso da linguagem; e esta é, talvez, a interpretação mais corrente do conceito de abordagem funcional.

Mas uma outra questão, não menos significativa, é a da relação entre as funções da linguagem e a própria língua. Se a língua se desenvolveu para atender a certas funções que podem ser chamadas, em sentido lato, "funções sociais", isto deixou marcas? Foi o caráter da língua moldado e determinado pelos usos que dela fazemos? Há uma série de razões que sugerem que sim; e, se isto é verdade, então este pode ser um fator importante em qualquer discussão de linguagem e sociedade.

Há um aspecto da relação entre a língua e seu uso que logo vem à mente, mas que não é aquele que nos interessa aqui. As funções sociais da língua claramente determinam o

* "The Functional Basis of Language", in B. Bernstein (ed.) *Class, Codes and Control* (London: Routledge & Kegan Paul, 1973), 343-366.

Agradecemos ao autor e à Routledge & Kegan Paul pela permissão para traduzir e publicar o presente texto.

conjunto das *variedades* de língua, no sentido daquilo que chamamos de variedades "diatípicas" ou "registros"; a escala de registros, ou repertório lingüístico, de uma comunidade ou de um indivíduo deriva do conjunto de usos da língua nessa cultura ou sub-cultura particular. Não há, provavelmente, uma modalidade de discurso burocrático numa sociedade sem burocracia. O conceito de "conjunto de usos" deve ser compreendido cuidadosamente e com senso comum: poderia, por exemplo, haver um registro de expressão militar numa sociedade hipotética que não faz guerra — porque observa e registra as façanhas de outras sociedades que guerreiam. Seus usos da língua não incluem a luta, mas incluem a historiografia e o relato de notícias. Isto não é um desvio do princípio, apenas uma indicação de que o princípio deve ser aplicado criteriosamente (1).

Mas a variação diatípica da língua, a existência de diferentes campos, modelos e diretrizes de discurso faz parte dos recursos do sistema lingüístico; e o sistema lingüístico deve ser capaz de incorporá-la. Se podemos variar nosso nível de formalidade ao falar ou escrever, ou passar livremente de um tipo de contexto para outro, usando a língua ora para planejar uma atividade organizada, ora para pronunciar uma conferência, ora para manter disciplinadas as crianças, é porque a natureza da língua é tal que tem todas essas funções integradas em sua capacidade total. Portanto, mesmo que começemos por considerar de que modo a língua varia — de que modo fazemos escolhas diferentes de sentido, e por conseguinte de gramática e de vocabulário, de acordo com o contexto de uso — somos levados à questão, mais fundamental, da relação entre as funções da língua e a natureza do sistema lingüístico.

Portanto, a interpretação de nossa pergunta inicial que nos concerne aqui é a seguinte: Está o funcionamento social da língua refletido na estrutura lingüística — ou seja, na organização interna da língua como sistema? Não é irrazoável esperar que assim seja. Que o funcionamento social está refleti-

1. Acerca da variação diatípica na língua, veja-se Gregory (1967) e Ellis (1966).

do na língua como sistema disse-o efetivamente Malinowski (1923), que escreveu que "a língua em sua estrutura espelha as categorias reais derivadas das atitudes práticas da criança . . .". Segundo o ponto de vista de Malinowski, todos os usos da língua, ao longo de todos os estágios da evolução cultural, deixaram sua marca na estrutura lingüística, embora "se nossa teoria estiver correta, os traços fundamentais da gramática se devem especialmente aos usos mais primitivos da língua".

Foi na língua das crianças pequenas que Malinowski viu mais claramente as origens funcionais do sistema lingüístico. Sua formulação era, na realidade, "as atitudes práticas da criança e do homem primitivo ou natural"; mas mais tarde ele modificou essa opinião, ao tomar ciência de que a pesquisa lingüística tinha demonstrado a inexistência de algo como uma "língua primitiva" — toda fala adulta representava o mesmo nível extremamente sofisticado de evolução lingüística. Analogamente, todos os usos da língua, por mais abstratos, e por mais complexa que fosse a estrutura social com a qual estavam associados, deviam ser explicados em termos de certas funções muito elementares. Pode ser verdade que o sistema lingüístico em desenvolvimento na criança percorre de algum modo os estágios através dos quais a própria língua evoluiu, ou pelo menos é análogo a esses estágios; mas não existem espécimes vivos de seus tipos ancestrais, de modo que toda evidência só pode vir de dentro, do estudo do sistema lingüístico e de como ele é aprendido pela criança.

As idéias de Malinowski eram um tanto adiantadas para sua época, e não eram ainda sustentadas por investigações adequadas do desenvolvimento lingüístico. Não que não houvesse nenhum trabalho importante disponível nesse campo na época em que Malinowski estava escrevendo: havia, embora a primeira grande expansão de interesse tivesse ocorrido um pouco mais tarde. Mas a maior parte do trabalho — e isto continuou sendo verdade até muito recentemente, através da segunda onda de expansão, ou seja, o movimento psicolingüístico dos anos 60 — se interessava primariamente pelo mecanismo da língua, e não por seu significado e função.

Por um lado, o interesse se situava na aquisição dos sons: no controle dos meios de articulação e, posteriormente, no domínio do sistema dos sons, a fonologia, da língua em questão. Por outro lado, a atenção voltava-se para a aquisição das formas lingüísticas, do vocabulário e da gramática da língua materna. Os primeiros estudos seguindo esta linha interessavam-se principalmente pelo aprendizado de palavras e da gramática da palavra — a amplitude do vocabulário da criança mês após mês, e a frequência relativa das diferentes partes do discurso — apoiadas em investigações sobre seu domínio da sintaxe da sentença na escrita (veja-se, por exemplo, Watts (1944)). Mais recentemente, a ênfase tendeu a deslocar-se para a aquisição das estruturas lingüísticas, vista em termos de uma perspectiva psicolingüística particular (a chamada perspectiva "nativista") da faculdade de aprendizado da língua.

Estes são diferentes modelos ou diferentes orientações para o processo de aprendizado da língua. Não são, porém, individualmente ou em conjunto, adequados ou particularmente relevantes para nossa perspectiva aqui. Para este propósito, a aquisição da língua, ou antes, o desenvolvimento da língua — voltando ao termo anterior, pois "aquisição" é uma metáfora um tanto enganadora, que sugere que a língua é algum tipo de propriedade a ser possuída — precisa ser encarado como o domínio das funções lingüísticas. Aprender a língua materna é aprender os usos da língua, e os significados, ou antes, o potencial significativo a eles associado. As estruturas, palavras e sons são realizações desse potencial significativo. Aprender a língua é aprender como significar.

Se o desenvolvimento da língua for considerado como o desenvolvimento de um potencial significativo, torna-se possível considerar seriamente a tese malinowskiana, uma vez que podemos começar por examinar a relação entre as estruturas lingüísticas da criança e os usos a que ela aplica a língua. Faremos isto logo mais. Primeiro, porém, vamos levantar a questão do que entendemos por "aplicar a língua a este ou aquele uso", do que realmente implica a noção de língua enquanto empregada para certas funções. O que são as "funções

sociais da língua" na vida do *homo grammaticus*, o falante?

Um meio de nos guiar dentro desta questão é considerar certos usos muito especializados da língua. As linguagens dos jogos fornecem muitos exemplos desse tipo: por exemplo, o sistema de ofertas do *contract bridge*. Pode-se considerar a linguagem das ofertas como um sistema de potencial de significado, um leque de opções abertas ao jogador enquanto autor da jogada (o que fala) ou enquanto receptor (aquele a quem o autor da jogada se dirige). O potencial é compartilhado; é neutro em relação a falante e ouvinte, mas pressupõe falante, ouvinte e situação. É um sistema lingüístico: há um conjunto de opções e isto proporciona um contexto para cada opção em termos das demais — o sistema inclui não só a opção que consiste em dizer "quatro de copas" mas também a especificação de quando isto é apropriado. A habilidade de dizer "quatro de copas" no lugar certo, que é um exemplo, embora trivial, do que Hymes explica como "competência comunicativa" é às vezes concebida como se fosse algo bem distinto da habilidade de dizer "quatro de copas"; mas esta é uma distinção artificial: existem apenas contextos diferentes, e o significado de quatro de copas no contexto do estágio de fazer ofertas de uma partida de *contract bridge* é diferente de seu significado em qualquer outro lugar (não nos interessa, obviamente, se o quatro de copas é "uma boa oferta" nessas circunstâncias ou não, pois isto não pode ser expresso em termos do sistema. Interessamo-nos, contudo, pelo fato de que "quatro de copas" é significativo no jogo depois de "três de naipes que não seja trunfo" ou "quatro de ouros" mas não depois de "quatro de espadas"). Achar-nos-emos provavelmente envolvidos no problema de tentar forçar uma distinção entre significado e função, se insistirmos em caracterizar a língua subjuntivamente como a habilidade ou competência do falante, ao invés de, objetivamente, como um potencial, um conjunto de alternativas. Daí minha preferência pelo conceito de "potencial de significado", que é aquilo que o falante/ouvinte *pode* (o que ele *pode* significar, se assim quiserem), não o que ele *sabe*. São, até certo ponto, duas maneiras diferentes de encarar

a mesma coisa, mas a primeira perspectiva, "inter-organismo", tem implicações diferentes da segunda, "intra-organismo".

Há muitas "línguas restritas" desse tipo, nos jogos, nos sistemas de cumprimentos, nas partituras musicais, relatórios meteorológicos, receitas e numerosos outros contextos generalizados desse tipo. O exemplo mais simples é um exemplo em que o texto consta de somente uma unidade-mensagem, ou uma seqüência de unidades-mensagens ligadas por "e"; um exemplo bem conhecido é o conjunto de cento e tantas mensagens telegráficas que se permitia mandar para casa outrora durante o serviço militar ativo. Um exemplo típico era 61 & 92, decodificada provavelmente como "feliz aniversário e por favor mande DDT". Aqui, o potencial de significado é simplesmente a lista das mensagens possíveis, como um conjunto de opções, junto com a opção de escolher mais de uma vez, talvez com um comprimento máximo fixo especificado.

A vida diária de cada um dos macacos falantes não gira em torno de opções como essas, embora muito de sua fala ocorra em contextos bastante restritos onde as opções são limitadas e o potencial significativo é, de fato, especificável de maneira bastante fechada. Comprar e vender numa loja, ir ao médico, e muitas das rotinas do dia de trabalho representam tipos de situação onde a língua não é de modo algum restrita como um todo e os significados transacionais não são fechados, mas ainda assim há certos padrões definíveis, certas opções que entram em jogo de maneira típica. Evidentemente, podemos permitir-nos conversar de maneira casual com o médico, assim como podemos conversar displicentemente ao fazer ofertas no bridge; estes exemplos de uso lingüístico não-transacional (ou melhor: "extra-contextual", uma vez que "transacional" é demasiado estreito — a conversa sobre o tempo que acompanha certas atividades sociais não é estritamente transacional, mas é claramente funcional no contexto) não afetam em nada o que queríamos salientar. Dizer isto nada mais é que indicar que o fato de um professor poder agir para com seus estudantes de outro modo que não aquele relativo a seu papel contextual de professor, não contradiz a existência de uma relação professor-estudante na estrutura so-

cial. A conversa telefônica não constitui um contexto social, mas o início e o encerramento constituem; há maneiras prescritas de começar e terminar a conversação (Cf. Schegloff (1972)). Todos estes exemplos relacionam-se com contextos delimitáveis, com funções sociais da língua; eles ilustram os usos a que aplicamos a língua, e o que esperamos realizar por meio da língua que não realizaremos sem ela. É instrutivo, neste ponto, refletir sobre as várias tarefas mais ou menos diárias e perguntar o quanto seria mais complicado realizá-las se tivéssemos que fazê-lo sem a ajuda da língua (2).

Poderíamos tentar escrever uma lista dos "usos da língua" que esperaríamos ser típica de um membro de uma sociedade, adulto e culto. Mas tal lista poderia ser indefinidamente prolongada e, em si mesma, não nos diria muita coisa. Quando falamos de "funções sociais da língua", entendemos aqueles contextos que são significativos na medida em que somos capazes de especificar parte do potencial de significado que está, de maneira característica e explicável, associado a eles. E estaremos especialmente interessados se constatarmos que assim fazendo podemos esclarecer alguns traços da organização interna da língua.

Com isto em mente, passemos agora a considerar a língua da criança, e em particular a relação entre as estruturas lingüísticas da criança e os usos a que ela aplica a língua. O sistema lingüístico da criança muito pequena é, efetivamente, um conjunto de variedades de língua restritas; e é característico da língua das crianças pequenas que sua forma interna reflete mais diretamente a função para a qual está sendo usada. Aquilo que a criança faz com a língua tende a determinar a sua estrutura. Esta coincidência relativamente estreita entre estrutura e função pode ser evidenciada por uma análise fun-

2. Esta foi efetivamente uma tarefa atribuída às mães em relação a socialização das crianças, num estudo de Bernstein e Henderson (1969); pedia-se que dissessem quão mais difícil seria, para pais que não pudessem falar, fazer com as crianças pequenas coisas como discipliná-las ou ajudá-las a fazer coisas. Tinha-se presente à mente que nesta discussão estamos usando "língua" sempre para referir-nos ao potencial de significado; supomos alguns meios de expressão, mas não quaisquer formas lingüísticas em particular.

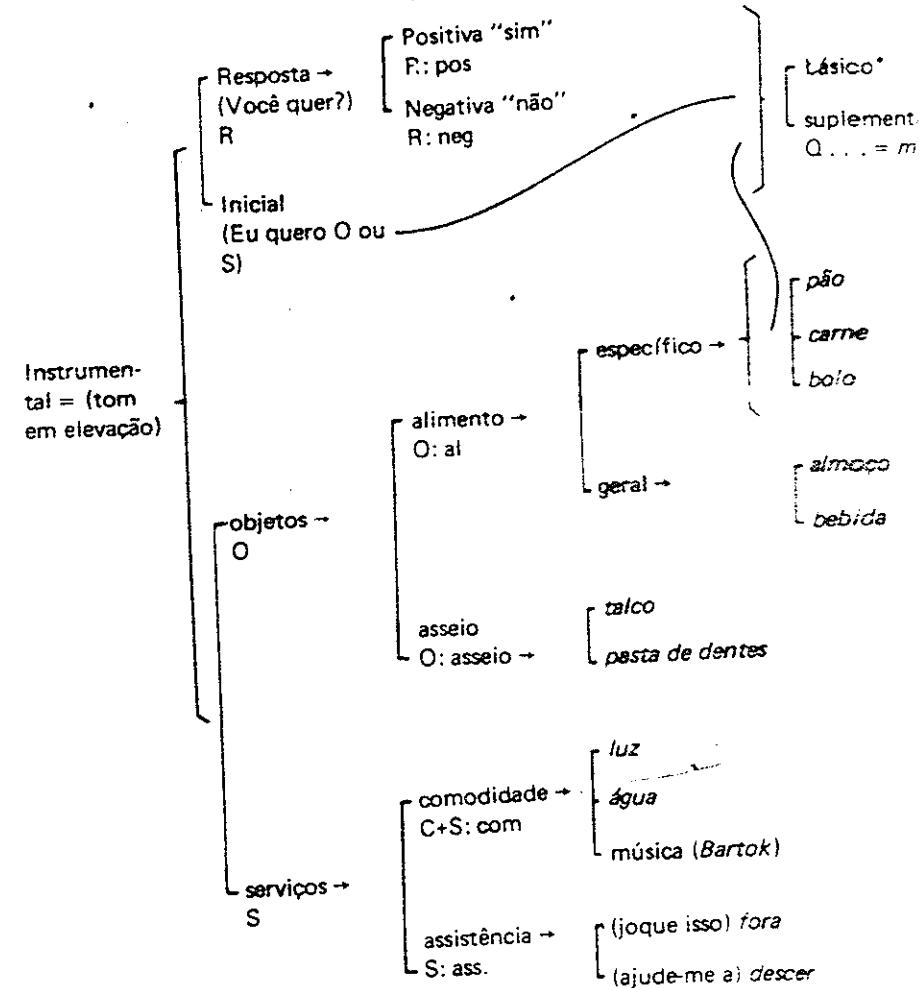
cional do sistema, em termos de seu potencial significativo. Por esse meio, podemos ver como as estruturas que a criança dominou são o reflexo direto das funções que a língua desempenha para ela.

As figuras 1–3 dão um exemplo concreto do sistema linguístico de uma criança pequena. Elas são tiradas da descrição da língua de Nigel na idade de 19 meses; e cada uma representa um componente funcional do sistema — ou melhor, cada uma representa apenas uma parte de tal componente, para reduzir o exemplo a dimensões razoáveis. O sistema como um todo é feito de cinco ou seis componentes funcionais desse tipo (3). A figura 1 mostra o sistema que Nigel desenvolveu para a função instrumental da língua. Esta, refere-se ao uso da língua com o objetivo de satisfazer necessidades materiais: é a função "eu quero", incluindo, obviamente, "eu não quero". Aqui, a criança desenvolveu um potencial de significado no interior do qual pode solicitar coisas ou atendimento, este último na forma de assistência física ou de conseguir que coloquem algo à sua disposição. Mostramos alguns exemplos desses pedidos. Além disso, sua solicitação pode ser uma resposta a uma pergunta "você quer...?" e nesse caso a resposta pode ser positiva ou negativa; ou pode partir dele próprio, e nesse caso é sempre positiva. Além disso, sob um conjunto de condições (a saber: quando o pedido parte dele e é um pedido de um item específico de alimento) há uma opção ulterior no potencial de significado, pois ele aprendeu que pode pedir não só uma primeira porção, mas também um porção suplementar, "mais" (isto não corresponde à interpretação adulta; a criança pode pedir mais pão quando ainda não recebeu nenhum pão mas recebeu alguma outra coisa. Note-se que a criança ainda não aprendeu o significado de "não mais" ou "basta"). Com relação ao asseio e a pedidos gerais de alimento, essa opção não se põe. No sistema "básico" vs. "suplementar", portanto, o termo "bási-

3. As análises propostas para as figuras 1–3 representam uma interpretação provisória do material. Para uma explicação preliminar do desenvolvimento da língua em termos funcionais, veja-se Halliday (no prelo).

co" é o não-marcado (indicado por um asterisco), onde "não-marcado" se define como aquele termo que precisa ser selecionado se as condições permitindo uma escolha não forem satisfeitas.

Figura 1



Elementos:

O objeto de desejo [alimento, asseio]

S serviço [comodidade, assistência]

R resposta [positiva, negativa]

Q quantificador

C comodidade

Exemplos:

yes R: pos ?é
 yes I want it (Sim, eu quero)

no R: neg no
 no, I don't want it (Não, não quero)

bread O: al brie
 I want some bread (Quero pão)

breakfast O: al bieka
 I want my breakfast (Quero meu café da manhã)

more bread Q + O: al mō bie
 I want some more bread (Eu quero mais pão)

powder O: asseio b̥ga
 I want some powder (Quero talco)

water on C + S: conf wōtā?on
 I want the water tap turned on (Quero que abram a torneira da água)

Bartok on C + S: conf tābō?on
 I want a record put on (Quero que ponham um disco)

off S: ass ?ofva
 I want my bib taken off (Quero que tirem meu babador)

get down S: ass dykao
 I want to get down (Quero descer)

Figura 1: Nigel aos 19 meses: parte do componente instrumental.

(A notação fonética um tanto complexa é necessária para representar as peculiaridades da fala infantil. Não havendo pesquisas paralelas da linguagem infantil brasileira, não foi possível dar exemplos correspondentes em português, N. do Org.)

Cada opção potencial de significado é expressa ou “atualizada” por algum elemento formador-de-estrutura. No componente instrumental há somente cinco desses elementos: o elemento resposta, o objeto de desejo, o serviço desejado, a “comodidade” (amenity) e o quantificador. A seleção que a criança faz de uma configuração particular de opções no interior de seu potencial de significado organiza-se como uma estrutura; mas trata-se de uma estrutura onde os elementos se relacionam muito claramente ao tipo de função que a língua desempenha para a criança. Por exemplo, há obviamente uma conexão entre a função “instrumental” da língua e a presença, nas estruturas dela derivadas, de um elemento que tem a função estrutural “objeto de desejo”. O que é significativo não é, naturalmente, o rótulo que lhe aplicamos, mas o fato de que somos levados a identificar uma categoria especial para à qual semelhante rótulo se revela apropriado.

A análise que acabamos de oferecer é uma análise funcional nos dois sentidos distintos mas interrelacionados em que se usa o termo “funcional” em lingüística. É uma análise das funções da língua; e ao mesmo tempo, as estruturas são

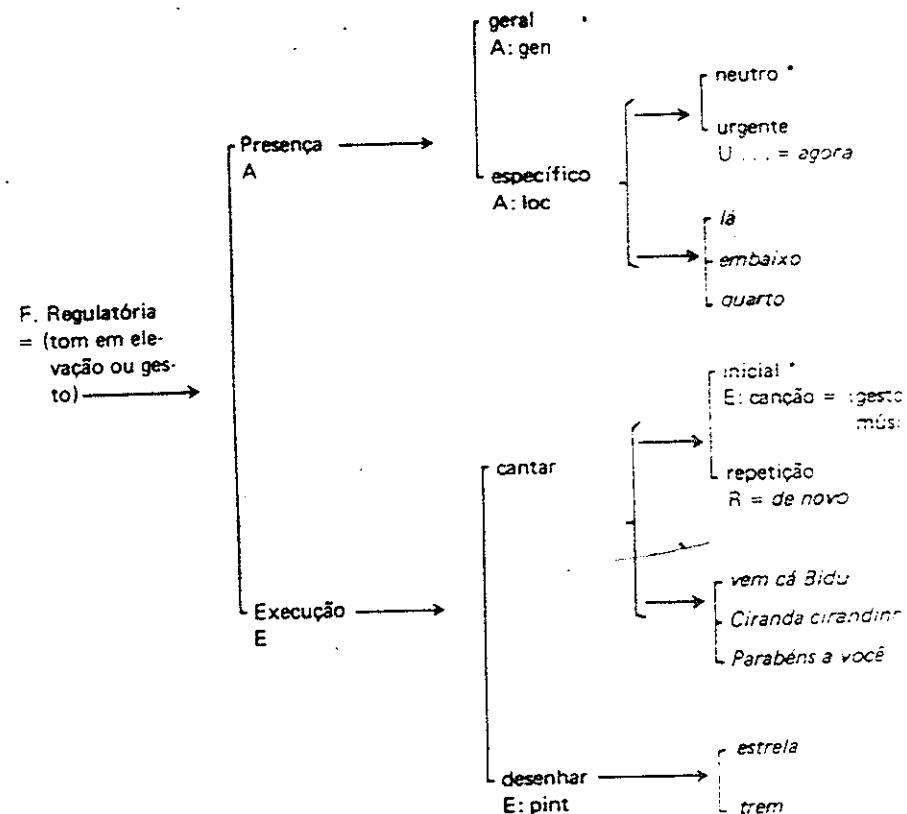
expressas em termos de elementos funcionais (e não de classes, como substantivo e verbo). Poder-se-ia pensar nessa análise como um tipo de "gramática de casos", embora as partes estruturais sejam, estritamente falando, "elementos de estrutura" (como numa teoria do tipo sistema-estrutura), e não "casos"; elas são específicas ao contexto (isto é, à função particular da língua, neste caso), e explicam a estrutura toda, enquanto os casos são contextualmente indistintos e também restritos a elementos que dependem sintaticamente de um verbo.

Supusemos, à guisa de ilustração, um estágio relativamente inicial do aprendizado da língua; nesse estágio, Nigel tem somente estruturas de um a dois elementos. Mas não tem muita importância que estágio foi escolhido; o que importa aqui é a forma do sistema da língua. Esta consiste num potencial de significado, representado como uma rede de opções, que são derivadas de uma função social particular, e são realizadas, por sua vez, por estruturas cujos elementos se relacionam diretamente aos significados que estão sendo expressos. Estes elementos parecem ser descritos mais apropriadamente por meio de termos como "objeto de desejo", que claramente deriva da função lingüística "eu quero", do que por meio de termos "puramente" gramaticais, sejam estes tirados da gramática da língua adulta (como "sujeito") ou introduzidos especialmente para explicar as estruturas lingüísticas da criança (como "pivô"). Vou sugerir, entretanto, que o mesmo vale para os elementos da estrutura da língua dos adultos; que estas também se originam nas funções sociais da língua, embora de um modo menos direto, e portanto menos imediatamente aparente. Mesmo uma função "puramente gramatical" tal como "sujeito" é derivável da língua em uso; na verdade, a noção de que existem elementos estruturais "puramente gramaticais" é auto-contraditória.

O mesmo princípio aparece nas outras duas funções que estamos ilustrando aqui, novamente de forma simplificada. Uma delas é a função "regulatória" da língua (Figura 2). Trata-se do uso da língua para controlar o comportamento de outrem, para manipular as pessoas no ambiente; a função "faça como eu digo". Aqui, encontramos uma distinção bá-

sica entre o pedido da companhia de outra pessoa e o pedido de uma ação específica por parte dela. O pedido de companhia pode ser um pedido geral "venha comigo", ou pode referir-se a uma localização particular: "lá", "aqui embaixo", "no (outro) quarto"; e pode receber uma marca de urgência. O desempenho solicitado pode consistir em desenhar uma figura ou cantar uma música; tratando-se de uma música, pode ser uma execução nova (para a ocasião) ou uma repetição. É interessante notar que não há negação na função regulatória neste estágio; o significado "proibição" não figura entre as opções no potencial significativo da criança.

Figura 2



(Fig. 2 – continuação)

Elementos

A acompanhamento [geral, locacional]
 E execução [canção, pintura]
 U urgência
 R repetição

Exemplos

come A: gen kem
 follow me (venha comigo)

overthere A: loc ɔvəðeɪ
 come over there with me (vamos até lá comigo)

down A: loc dəu
 come (& sit) down with me (vem (e senta) comigo)

now overthere U + A: loc nəu ɔvəðeɪ
 come over there with me at once (vamos até lá comigo, imediatamente)

now room U + A: loc nau rəm
 come into your room with me at once (entre no seu quarto comigo, imediatamente)

star E: pint də
 draw a star (desenhe uma estrela)

train E: pint tɪwfa
 draw a train (desenhe um trem)

(Fig. 2, – continuação)

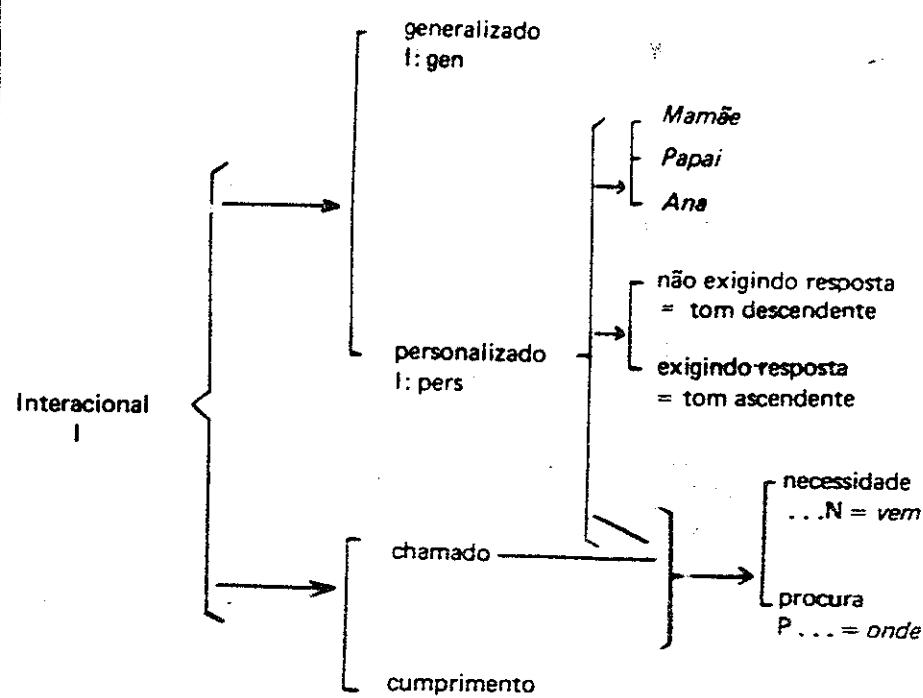
oranges-&lemons E: canção ɔræŋz-ə-lemə
 sing “oranges & lemons” (cante “oranges & lemons”) [acompanhado por gesto de música]

again R agæi
 sing that again (cante isso de novo)

Figura 2: Nigel aos 19 meses: parte do componente regulatório.

O terceiro exemplo é o da função “interacional” (Figura 3). Trata-se do uso da língua pela criança como um meio de interação pessoal com aqueles que a cercam; a função “eu e você” da língua. Aqui, a criança está ora interagindo com alguém que está presente (“cumprimento”) ora tentando interagir com alguém que está ausente (“chamado”). Esse alguém pode ser generalizado, com uso de a/ô (hullo) (i) em “tom estreito” acompanhado de um sorriso, para conversar com uma pessoa íntima ou para cumprimentar um estranho, quer (ii) em tom amplo, alto, para pedir companhia; ou pode ser personalizado, e nesse caso trata-se de uma asserção da necessidade de interação ... come! (vem!) ou de uma procura where ...? (onde? ...) e há uma escolha ulterior no significado, realizada pela entoação. Todos os enunciados nas funções instrumental e regulatória terminam num tom alto ascendente, a menos que este tom seja substituído por um gesto, como no pedido de música; este é o tom que é usado quando a criança pede uma resposta de qualquer tipo. Na função interacional há dois tipos de enunciados, aqueles que requerem uma resposta e aqueles que não a requerem; os primeiros têm a elevação final; os últimos terminam num tom descendente (como o fazem os enunciados nas outras funções que não expusemos aqui).

Figura 3



Elementos:

- I interação [generalizada, personalizada]
- N necessidade
- P procura

Exemplos

hullo I: gen elouwa
hullo! (cumprimento) (tom "estreito" + sorriso)

(Fig. 3 – continuação)

hullo	I: gen	elouwa
hullo?		who is there? (chamado) (quem está aí?)
	[tom "amplo"]	
Mummy	I: pers	mèmì
	Mummy! here you are! (Mamãe, você está aí!)	
Anna	I: pers	âna
	Anna? Where are you? (Ana? Onde está você?)	
Mummy come	I: pers + N	mèmì kùm
	Mummy. I want you (Mamãe, eu quero você)	
Anna come	I: pers + N	âna kùm
	Anna, where are you? want you. (Anna, onde está você? Quero você).	
Where Daddy	S + I: pers	wēa dàda
	I'm looking for daddy (estou procurando papai)	
Where Mummy	S + I: pers	wēa māmì
	I want to know where Mummy is (Quero saber onde está a mamãe).	

Figura 3: Nigel aos 19 meses: parte do componente interacional.

Seria errado estabelecer um limite excessivamente marcado entre as diferentes funções no sistema linguístico da criança. Há uma conexão clara entre a função instrumental e a regulatória, na medida em que ambas representam tipos de exigências a serem satisfeitas por alguma ação por parte do destinatário; e entre a função regulatória e a interacional, enquanto ambas envolvem a hipótese de uma relação inter-

pessoal. Ainda assim, as funções que propusemos podem ser distinguidas uma da outra, e isto é importante, pois é através da extensão gradual do seu potencial de significado para novas funções que os horizontes lingüísticos da criança se ampliam. Na função instrumental, não importa quem dá o pão ou abre a torneira; a intenção é satisfeita pelo suprimento do objeto ou do serviço em questão. Por outro lado, na função regulatória, o pedido envolve uma pessoa específica; é essa pessoa, e ninguém mais, que deve responder através de seu comportamento. A função interacional também envolve uma pessoa específica; mas dessa pessoa não se exige que faça algo, apenas que esteja presente e em contacto. Há, é claro, casos-límite e superposições na realização (por exemplo: *come* tem significado ora regulatório ora interacional); mas esta indeterminação é encontrada em qualquer sistema desse tipo.

Estes extratos da descrição e análise do desenvolvimento do sistema lingüístico de Nigel bastarão para mostrar que tipos de estrutura são encontrados na língua das crianças muito pequenas e como elas se relacionam diretamente às opções que as crianças têm no seu potencial de significado. Os esquemas mostram aquilo de que a criança é capaz, ou seja, aquilo que ela é capaz de significar; as interpretações estruturais mostram o mecanismo por meio do qual o fazem — o modo como os significados são expressos, através de configurações de funções elementares.

Em outro artigo (Halliday, 1969), eu apontei aquelas que me parecem ser as funções básicas que a língua vem preencher no início da vida da criança, enumerando a instrumental, a regulatória, a interacional, a pessoal, a heurística, a imaginativa e a representacional (Esta última recebeu um mau nome; seria melhor tê-la chamado de "informativa", já que se referia especificamente ao uso da linguagem para a transmissão de informação). Estas são as funções sociais generalizadas da língua no contexto da vida da criança pequena. Quando a criança aprendeu a usar a língua até certo ponto em qualquer dessas funções, por mais limitados que sejam os recursos gramaticais e lexicais de que pode lançar mão, então ela construiu um potencial de significado para essa função e dominou

pelo menos uma exigência estrutural mínima — pode tratar-se de uma "configuração" de um só elemento — para efeitos de expressá-lo.

As funções sociais a que a linguagem se presta na vida da criança determinam quer as opções que a criança cria para si, quer sua realização na estrutura. Vemos isto claramente na língua das crianças pequenas, a partir do momento em que começamos a pensar o desenvolvimento da língua como o desenvolvimento das funções sociais da língua e de um potencial de significado a elas associado. Todavia, embora essa conexão entre as funções da língua e o sistema lingüístico seja sobretudo clara no caso da língua das crianças muito pequenas, ela é essencialmente, creio eu, um traço da língua como um todo. A organização interna da língua natural pode ser melhor explicada à luz das funções sociais para cujo preenchimento a língua desenvolveu-se. A língua é como é por causa daquilo que ela tem de fazer. Apenas, a relação entre função da língua e estrutura da língua aparecerá menos diretamente, e de modos mais complexos, no sistema adulto completamente desenvolvido, do que na língua da criança.

Dizer isto é, na prática, afirmar com Malinowski, que a ontogênese proporciona de algum modo um modelo para a filogênese. Não podemos examinar as origens da língua. Mas, se pudermos relacionar a forma do sistema lingüístico adulto com suas funções sociais, e ao mesmo tempo mostrar que a língua da criança, em seus diferentes estágios, é explicável em termos dos usos que a criança dominou até o estágio considerado, então, pelo menos, teremos aberto a possibilidade de uma interessante discussão sobre a natureza e as origens sociais da língua.

E típico, parece, dos enunciados das crianças muito pequenas, serem funcionalmente simples; cada enunciado desempenha apenas uma função. Se um enunciado tem função instrumental, procurando a satisfação de alguma necessidade material, então é somente instrumental e nada mais. Este es-

tado de coisas representa um estágio muito primitivo do desenvolvimento da língua. Isto é mostrado nos nossos exemplos pelo fato de que cada enunciado é totalmente especificado por apenas um esquema: para derivar *more bread!* (mais pão!) precisamos somente do esquema do sistema instrumental, que descreve completamente a sua estrutura.

A língua adulta mostra marcas de suas origens humildes em sistemas como esses. Mas distingue-se de maneiras fundamentais; e talvez a mais fundamental — porque é isto que torna necessário desenvolver um nível de forma lingüística (gramática e vocabulário) intermediário entre os significados e os sons — é o fato de que os enunciados na língua adulta são funcionalmente complexos. Todo ato língüístico adulto, com poucas exceções amplamente especificáveis, serve simultaneamente a mais de uma função.

Um tipo de fenômeno muito familiar que ilustra este fato é o da denotação e conotação no significado da palavra. Por exemplo, depois da final entre Leeds e Chelsea pelo campeonato de futebol, um de meus amigos que é londrino cumprimentou-me dizendo: *I see Chelsea trounced Leeds again* (Vejo que o Chelsea deu uma lavada no Leedes, de novo) usando a palavra *trounce*, que significa “derrotar” e também “alegro-me com isso”. Mas a multivalência funcional desse enunciado vai muito além do que assinala a significação lexical de *trounce*. O falante estava veiculando uma certa informação que ele suspeitava que eu já possuísse, junto com a informação ulterior (que eu não possuía) de que ele também possuía essa informação; ele estava referindo-se à nossa experiência comum; expressando seu triunfo sobre mim (sou torcedor do Leeds e ele sabe disso); e referindo-se, retrospectivamente, a algumas conversas prévias entre nós. Não há uma categoria funcional simples da qual possamos derivar esse enunciado, correspondendo a categorias como a regulatória ou a instrumental no sistema língüístico da criança pequena.

O problema, para uma teoria socio-lingüística é: o que há, na língua adulta, que corresponde aos componentes funcionais, aos sistemas de potencial de significado que compõe os primeiros estágios do desenvolvimento da língua na crian-

ça? Ou, como cada dia é mais evidente, para voltar ao ponto da questão, qual é a relação do sistema língüístico completamente desenvolvido com as funções sociais da língua adulta? E podemos explicar algo da forma que as línguas assumem, examinando essa relação?

Num sentido, a variedade das funções sociais da língua é, obviamente, muito maior no adulto. O adulto faz mais coisas diferentes do que a criança: e numa grande quantidade de suas atividades usa a língua. Ele tem um espectro diatípico muito amplo. Entretanto, há um outro sentido no qual a gama de variações funcionais do adulto pode ser mais pobre, e nós podemos apreciar melhor esse fato se tomarmos por ponto de partida a criança. Entre os usos da língua pela criança aparece, depois de um certo tempo, o uso da língua para veicular informações novas: para comunicar um conteúdo (encarado pelo falante como) desconhecido ao destinatário. Eu me referi a isso de um modo geral como a função “representacional”; mas seria melhor, e também mais exato, se usássemos um termo mais específico, por exemplo “informativo”, já que isto facilita a interpretação de desenvolvimentos subseqüentes. No decorrer da maturação, essa função é progressivamente enfatizada, até que, por fim, acaba por dominar, senão o uso que o adulto faz da língua pelo menos sua concepção do uso da língua. O adulto tende a ser cético quando se lhe sugere que a língua tem outros usos que não o de veicular informação; e habitualmente pensará logo no uso da língua para desinformar — o que é uma simples variante da função informativa. Ainda assim, para a criança pequena a função informativa é uma função relativamente menor, de aparecimento relativamente tardio. Muitos problemas de comunicação entre adulto e criança, por exemplo na escola pré-primária provêm da incapacidade do adulto de perceber este fato. Isto pode ser constatado em certas interpretações adultas das rimas e canções infantis, que são com freqüência muito dramáticas, com entoação e ritmo apropriados ao conteúdo, enquanto que para a criança a língua não é primariamente conteúdo — é a língua em sua função imaginativa e precisa ser expressa como padrão (pattern), padrões de significado e estru-

tura e vocabulário e som. Analogamente, tem-se constatado falhas em gravações de cursos de língua estrangeira por atores; suas interpretações enfatizam somente o uso da língua para veicular informação, e parece que, tanto no aprendizado de uma língua estrangeira, quanto no aprendizado da língua materna, é necessário levar em conta outros usos da língua, sobretudo nos estágios iniciais.

O que se dá no decorrer da maturação é um processo que, de um certo ponto de vista, poderíamos chamar "redução funcional", pelo qual a gama de funções original da língua infantil — um conjunto de componentes funcionais relativamente discretos, cada um dos quais dotado de seu próprio potencial de significado — é gradativamente substituído por um sistema funcional mais altamente codificado e mais abstrato, mas também mais simples. Há uma variabilidade funcional imensa no uso da língua pelo adulto: imensa, entenda-se, se perguntarmos simplesmente: "em que tipos de atividade a língua desempenha um papel para o adulto?". Mas esta diversidade de uso se reduz na organização interna do sistema lingüístico do adulto — em outras palavras, na gramática — a um conjunto muito pequeno de componentes funcionais. Chamemos a estes, por ora, "macro-funções" para distinguí-los das funções do sistema lingüístico que emerge na criança, a instrumental, a regulatória, e assim por diante. Essas "macro-funções" são os reflexos lingüísticos altamente abstratos da multiplicidade dos usos sociais da língua.

Os incontáveis objetivos sociais para os quais os adultos usam a língua não são representados diretamente, um de cada vez, na forma de componentes funcionais no sistema lingüístico, como o são os da criança. Para as crianças muito pequenas, "função" equivale a "uso"; e não há gramática, não há nível intermediário de organização interna da língua, só mente um conteúdo e uma expressão. Para o adulto há um número indefinidamente grande de usos, mas somente três ou quatro funções, ou "macro-funções", como as estamos chamando; e essas macro-funções aparecem num novo nível no sistema lingüístico — elas tomam a forma de uma "gramática". O sistema gramatical tem, por assim dizer, um *input* funcional e um *output* estrutural; proporciona o mecanismo para que diferentes funções sejam combinadas num só enunciado da maneira exigida pelo adulto. Mas essas macro-funções embora se relacionem só indiretamente a usos específicos da língua, ainda são reconhecíveis como representações abstratas das funções básicas a serviço das quais a língua é posta.

Uma dessas macro-funções é aquela que é às vezes chamada de função representacional. Mas, do mesmo modo que antes, ao falar do uso da língua para veicular informação, eu preferi o termo mais específico "informativo", assim também optarei aqui por outro termo — mas, desta vez, um termo diferente, pois este é um conceito bem distinto. Aqui, estamos referindo à expressão lingüística do conteúdo ideacional; chamemos a esta macro-função do sistema lingüístico adulto a função "ideacional". Para a criança, o uso da língua para informar é somente um caso do uso da língua, uma função entre outras. Mas para o adulto o elemento ideacional na língua está presente em todos os seus usos; seja o que for que ele esteja fazendo com a língua, achar-se-á explorando seus recursos ideacionais, seu potencial para expressar um conteúdo em termos da experiência do falante e da experiência da comunidade lingüística. Há exceções, tipos de enunciado como *how do you do?* (como vai você?) e no *wonder* (maravilha!) que não têm conteúdo ideacional em si mesmas; mas por outro lado há algum conteúdo ideacional envolvido, por menor que seja, em todos os usos específicos da língua em que o adulto se empenha tipicamente.

Esta é sem dúvida a razão pela qual o adulto tende a pensar na língua primariamente em termos de sua capacidade de informar. Mas onde deve ser procurada a origem desse elemento ideacional no repertório lingüístico da criança muito pequena? Não, creio eu, na função informativa, que parece ser, em algum sentido, secundária, derivada de outras que já surgiram. Deve ser procurada, antes, na combinação das funções pessoal e heurística, naquela fase do desenvolvimento lingüístico que se torna crucial numa fase bem determinada, provavelmente (como no caso de Nigel) pouco depois da emergência das funções mais diretamente pragmáticas que

ilustramos na figuras 1–3. Na idade de que estes exemplos foram tomados, 19 meses, Nigel já tinha começado a usar a língua também nas funções pessoal, heurística e imaginativa; era evidente que a língua se tornava, para ele, um meio de organizar e armazenar sua experiência. Aqui, vimos os começos de uma "gramática" — isto é, um nível de organização lexicogramatical, ou "forma" lingüística; e de enunciados dotados de mais de uma função.

As palavras e estruturas aprendidas nestas novas funções eram, cedo, transferidas também para o uso pragmático, como em alguns exemplos citados das funções instrumental e regulatória. Mas parece que muito do impulso inicial para o aprendizado de padrões formais (em oposição aos modos de expressão espontâneos, característicos dos primeiros meses de fala) consistia na necessidade de impor uma ordem ao ambiente, e de definir sua própria pessoa em relação e em oposição a ele. Assim — para exemplificar apenas pelo vocabulário — encontramos a palavra *bus*, que é entrementes reconhecida como nome de um ônibus de brinquedo tanto quanto de espécimes em tamanho natural, sendo usada de início exclusivamente para comentar a vista ou o ruído de ônibus na rua, e só mais tarde como um pedido do brinquedo; e uma ou duas exceções a isso, por exemplo *bird*, que era usado de início somente no sentido instrumental de "Quero meu passarinho de brinquedo" tendem a desaparecer de vez do sistema e são reaprendidas mais tarde num contexto pessoal-heurístico.

Parece portanto que a função pessoal-heurística constitui um dos principais estímulos para a ampliação do elemento ideacional no sistema lingüístico da criança. Não devemos contudo exagerar seu papel em face das funções pragmáticas iniciais; o período de 15 a 21 meses, no caso de Nigel foi caracterizado por um rápido desenvolvimento dos recursos gramaticais e lexicais, que eram (como um todo) explorados em todos os contextos funcionais que ele tinha dominado até então. A única função que ainda não tinha vindo à tona era a informativa; mesmo quando pressionado — o que ocorria freqüentemente — para "contar à mamãe onde você esteve" ou "contar ao papai o que você viu" ele era incapaz de fazê-lo,

muito embora em muitos casos ele tivesse usado previamente as sentenças necessárias, de maneira bastante apropriada, numa função diferente. Era claro que ele não tinha internalizado o fato de que a língua pode ser usada para contar às pessoas coisas que elas não sabem, para comunicar experiência que ainda não tinha sido compartilhada. Mas isto não era um obstáculo ao desenvolvimento de um componente ideacional em seu sistema lingüístico. O elemento ideacional, ao desenvolver-se, torna-se crucial para o uso da língua em todas as funções que a criança aprendeu a controlar; e isto fornece uma pista para seu status de "macro-função". Por mais específico que seja o uso que a pessoa está fazendo da língua, ela achará necessário, mais cedo ou mais tarde, referir-se explicitamente às categorias de sua experiência do mundo. Todos, ou quase todos os enunciados acabam por incluir um componente ideacional. Mas ao mesmo tempo todos eles têm algo mais.

Quando falamos da função ideacional da língua adulta, portanto, estamos usando "função" num sentido mais geral (como indica o nosso termo "macro-função") do que quando nos referimos às funções específicas que constituem a língua da criança pequena. Funções como a "instrumental" e a "regulatória" são na verdade o mesmo que "usos da língua". A função ideacional, por outro lado, é um componente principal do significado no sistema lingüístico, que é básico para quase todos os usos da língua. Trata-se, ainda, de um "potencial de significado", embora o potencial seja muito mais vasto e complexo; por exemplo, todo o sistema da transitividade na língua — a interpretação e expressão na língua dos diferentes tipos de processos do mundo exterior, incluindo os processos materiais, mentais e abstratos de todo tipo — faz parte do componente ideacional da gramática. E as estruturas que expressam esses significados ideacionais são ainda reconhecidamente derivadas dos próprios significados; seus elementos são, neste aspecto, não essencialmente diferentes dos que vimos nas figuras 1–3, como "objeto de desejo". Eles representam as categorias de nossa interpretação da experiência. Assim, por exemplo, uma sentença como *Sir Christopher*

Wren built this gazebo (O Sr. Christopher Wren construiu este belvedere) pode ser analisada como uma configuração das funções "agente" Sir Christopher Wren, "processo: material: criação" built "alvo: resultativo" *this gazebo*, onde "agente", "processo", "alvo" e suas sub-categorizações refletem nossa compreensão dos fenômenos que entram em nossa experiência. Portanto, essa função da língua, que consiste em codificar nossa experiência na forma de um conteúdo ideacional, não somente especifica as opções disponíveis no significado, mas também determina a natureza de suas realizações estruturais. As noções de agente, processo e semelhantes só fazem sentido se supuermos uma função ideacional na língua adulta, assim como "objeto de desejo" e "serviço" fazem sentido somente se supuermos uma função instrumental na língua que surge na criança. Mas esta análise não é imposta do exterior com o objetivo de satisfazer a alguma teoria das funções lingüísticas; uma análise em termos semelhantes é necessária (qualquer que seja a forma que ela finalmente assuma para a língua em questão) se tivermos que explicar a estrutura das orações. Uma oração é uma unidade estrutural, e é uma unidade estrutural por meio da qual expressamos uma gama particular de significados ideacionais, nossa experiência dos processos — os processos do mundo exterior, concretos e abstratos, e os processos de nossa própria consciência, ver, gostar, pensar, falar e assim por diante. A transitividade é simplesmente a gramática da oração em seu aspecto ideacional.

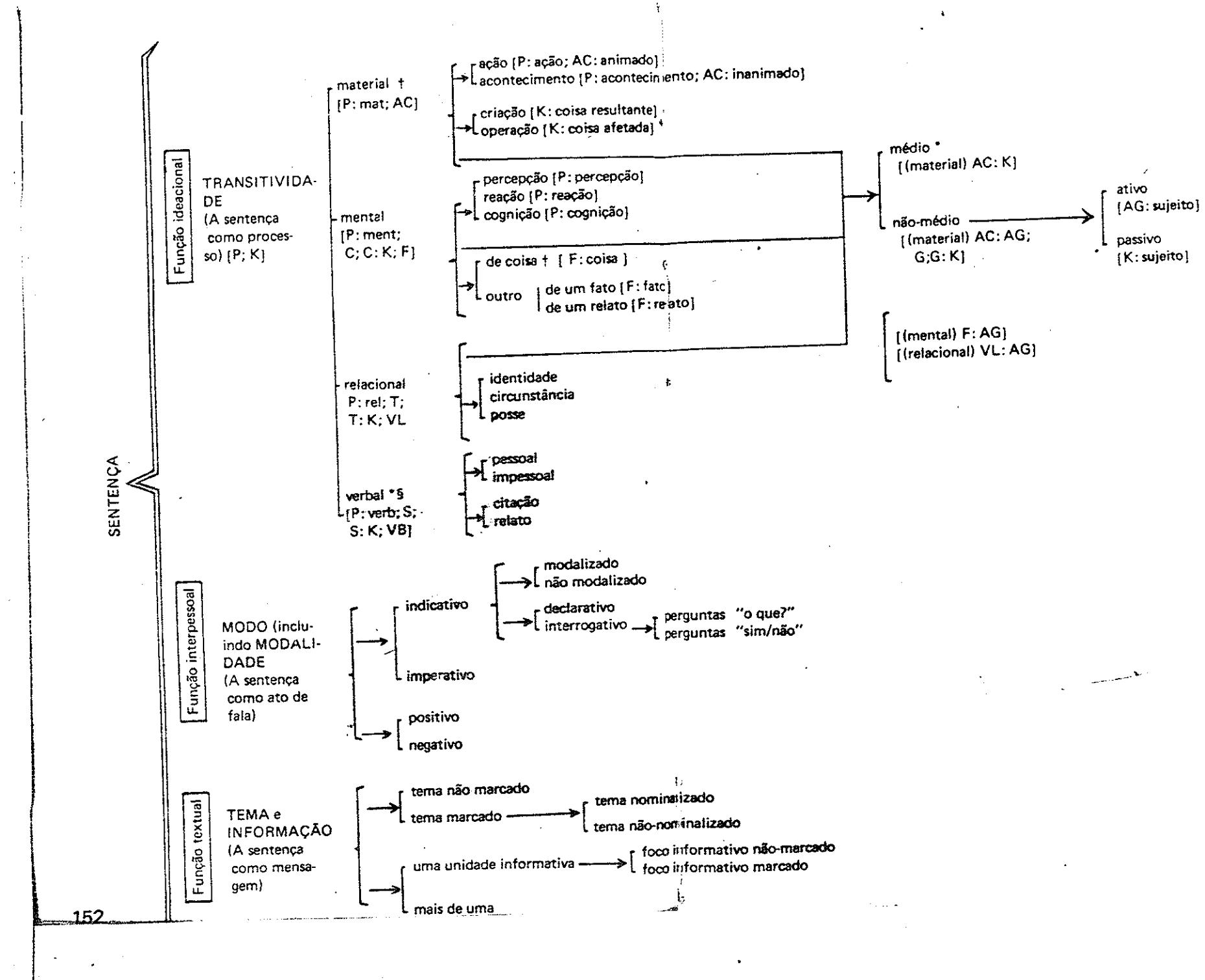
A figura 4 apresenta as principais opções no sistema de transitividade do inglês, mostrando como são realizadas na forma de estruturas. Pode-se ver que os elementos formadores de estrutura — agente, processo, fenômeno etc. — estão todos relacionados com a função geral de expressar processos. Os rótulos que lhes damos descrevem os papéis de cada um na codificação desses significados, mas os próprios elementos são identificados sintaticamente. Assim, na oração do inglês existe um elemento estrutural à parte que expressa a causa de um processo quando esse processo é ocasionado por algo que não a entidade afetada por ele em primeiro lugar (por exemplo: *the storm* em *the storm shook the house*, "a

tempestade sacudiu a casa"); podemos razoavelmente rotular este elemento de "agente", mas quer assim façamos ou não, ele está presente na gramática, como um elemento que deriva da função ideacional da língua.

Seja como for, a oração não se limita à expressão da transitividade; tem outras funções também. Há elementos não ideacionais no sistema lingüístico do adulto, muito embora o falante adulto relute freqüentemente em reconhecê-los. Novamente, porém, eles são agrupados juntos numa única "macro-função" na gramática, cobrindo toda uma gama de usos particulares da língua. É a macro-função a que nos referiremos como "interpessoal"; ela abrange todos os usos da língua para expressar relações sociais e pessoais, incluindo todas as formas de intervenção do falante na situação de fala e no ato de fala. A criança pequena também usa a língua interpessoalmente, conforme vimos, interagindo com outras pessoas, controlando o comportamento das mesmas, e também expressando sua própria personalidade e suas atitudes e sentimentos; mas esses usos são específicos e diferenciados. Mais tarde, eles se tornam generalizados num único componente funcional do sistema gramatical, a esse nível mais abstrato. Na oração, o elemento interpessoal é representado pelo modo e pelas modalidades: a seleção pelo falante de um papel particular na situação de fala, sua determinação da escolha de papéis para o receptor (modo), e a expressão de seus juízos e suas preibições (modalidade).

(Vide Fig. 4 nas págs. 152/153/154)

Não estamos sugerindo que não se possam distinguir, na língua adulta, usos específicos da língua, de tipo sócio-pessoal; ao contrário, podemos reconhecer um número ilimitado deles. Usamos a língua para aprovar e desaprovar; para expressar crença, opinião, dúvida; para incluir no grupo social ou excluir dele; para perguntar e responder; para expressar sentimentos pessoais; para ganhar intimidade, para cumprimentar, prosejar, despedir-se; de todos esses e muitos outros modos. Mas na estrutura da língua adulta há um componente "interpessoal" integrado, que proporciona o potencial de sig-



(Fig. 4 – continuação)

Elementos

TRANSITIVIDADE

- P processo (material, mental, relacional, verbal)
- K participante principal
- AG agente
- AC ator
- G alvo
- C cognoscente
- F fenômeno
- T termo
- VL valór
- S falante
- VB verbalização (fora da sentença)

} geral
} material
} mental
} relacional
} verbal

MODO

Elementos MODAIS e PROPOSICIONAIS,
SUJEITO, NÚCLEO DO PREDICADO, COMPLEMENTO,
ADJUNTO

TEMA: TEMA E REMA

INFORMAÇÃO: DADO E NOVO

Figura 4: Resumo das principais opções na oração inglesa (simplificada; somente constam os índices estruturais da transitividade)

Figura 5

this gazebo	was	built	by Sir Christopher Wren
-------------	-----	-------	-------------------------

IDEACIONAL
material: (ação/
criação/ (não-mé-
dio: passivo))

G:K
resultante
P: material
/ação

AC: AG:
animado

INTERPESSOAL
declarativo/não
modalizado

Modal

Proposicional

Sujeito

N. predicado

Adjunto

TEXTUAL
tema não marca-
do
uma unidade in-
formativa: não-
marcada

Tema

Rema

Dado

Novo

I had a cat ...

IDEACIONAL
relacional:
(posse
médio)

T:K

P: relacional

VL

INTERPESSOAL
declarativo/
não-modalizado

Modal

= did

have
Proposicional

Sujeito

N. predicado

Complemento

TEXTUAL
tema não-marcado.
Uma unida-
de informativa:
não marcada

Tema

Rema

Dado

Novo

(Fig. 5 – continuação)

	... the cat	pleas	ed	me
IDEACIONAL mental:(reação/ fato/(não-médio: ativo)	F: AG: coisa	P: mental: reação	C: K	
INT. declarativo/ não-modalizado	Model	-did	please	Proposicional
	Sujeito	N.predicado	Complemento	
TEXT: tema não marcado. Uma unidade informat.: não marcada	Tema	Rema		
	Dado	Novo		
	such a tale	you	would	never believe
ID. mental: (cognição/ relato/médio)	F: relato	C:K	P: mental: cognição	
INT. declarativo/ modalizado negativo	Propo-	Modal		-sional
	Complemento	Suj.	N.predicado	
TEXT. tema marcado: não-nominalizado duas unidades informa- tivas	Tema	Rema		
	Novo	Dado	Novo	

Figura 5: Análise de sentenças, mostrando estruturas simultâ-
neas.

nificado para este elemento na medida que ele está presente em todos os usos da língua, exatamente da mesma forma que o componente “ideacional” fornece os meios para a representação da experiência que é também um elemento essencial qualquer que seja o tipo específico de uso da língua.

Estas duas macro-funções, a ideacional e a interpessoal, juntas, determinam uma grande parte do potencial de significado que é incorporado à gramática de cada língua. Isto é claramente visível na gramática da oração, que tem um aspecto ideacional, a transitividade, e um aspecto interpessoal, o modo (incluindo a modalidade). Há também uma terceira macro-função, a “textual”, que preenche a exigência de que a língua seja operacionalmente relevante — que tenha uma textura, em contextos situacionais concretos, que distinga uma mensagem viva de um mero item numa gramática ou num dicionário. Este terceiro componente proporciona os últimos fios de potencial de significado a serem entrelaçados no tecido da estrutura lingüística.

Não tentaremos expor em detalhe as funções interpessoal e textual. Incluídas na figura 4 estão algumas das principais opções que constituem esses componentes na oração inglesa; não se mostram suas realizações estruturais, mas vale o mesmo princípio, pelo qual o mecanismo estrutural reflete os significados gerais que estão sendo expressos. A intenção, aqui, é simplesmente a de pôr em evidência o fato de que uma estrutura lingüística — e a oração é o melhor exemplo — serve como meio para a expressão integrada de todos os componentes funcionalmente distintos do significado da língua. Algumas orações simples são analisadas segundo estas diretrizes na figura 5.

O que conhecemos como “gramática” é o mecanismo lingüístico que liga umas às outras as seleções significativas que derivam das várias funções da língua, e as realiza numa forma estrutural unificada. Ao passo que na criança, nos estágios mais iniciais do sistema, as funções permanecem não-integradas, sendo na verdade variedades funcionais de atos de fala, onde cada enunciado tem uma e uma só função, as unidades lingüísticas da língua adulta servem todas as (ma-

cro-) funções ao mesmo tempo. Uma oração do inglês é a realização simultânea de significados ideacionais, interpersonais e textuais. Mas esses componentes não são unidos de maneira discreta, de modo que possamos apontar um segmento da oração como expressando um tipo de significado e outro segmento da oração como expressando outro. A escolha de uma palavra pode expressar um tipo de significado, sua morfologia outro e sua posição na sequência outro ainda; e qualquer elemento é possível de ter mais de um papel estrutural, como um acorde de uma estrutura polifônica, que participa simultaneamente de certo número de linhas melódicas. Este último ponto é ilustrado pelas análises contidas na figura 5.

Esperamos ter tornado claro em que sentido estamos dizendo que o conceito de função social da língua é central para a interpretação da língua como um sistema. A organização interna da língua não é acidental; ela incorpora as funções que a língua desenvolveu para servir na vida do homem social. Esta era, essencialmente, a proposta de Malinowski; e, como sugeriu Malinowski, isto pode ser observado mais claramente no sistema lingüístico da criança pequena. Aí o enunciado tem, em princípio, somente uma estrutura; por isso, cada elemento tem uma só função estrutural, e essa função se relaciona com o potencial de significado — com o conjunto de opções disponíveis à criança nessa função social particular.

No sistema lingüístico desenvolvido do adulto, as origens funcionais ainda são discerníveis. Aqui, porém, cada enunciado tem várias estruturas simultaneamente — usamos a analogia da polifonia. Cada elemento é um complexo de papéis e intervém em mais de uma estrutura (na verdade, o conceito "elemento de estrutura" é um conceito puramente abstrato; é meramente um conjunto de papéis que é então realizado por algum item na língua).

A estrutura da língua adulta ainda representa o potencial de significado funcional; mas, devido à variedade dos usos sociais da língua, surgiu uma "gramática", através da qual as opções são organizadas em poucos e amplos conjuntos onde o falante seleciona simultaneamente, quaisquer que sejam os

usos específicos que ele está fazendo da língua. Estes conjuntos de opções, que são reconhecíveis empiricamente na gramática, correspondem aos poucos domínios de significado altamente generalizados que são essenciais para o funcionamento social da língua — e portanto são intrínsecos à língua como um sistema. Como a língua se presta a uma função "ideacional" generalizada, podemos utilizá-la para todos os objetivos e tipos de contextos específicos que envolvem comunicação da experiência. Como se presta a uma função "interpersonal" generalizada, podemos usá-la para todas as formas específicas de expressão pessoal e interação social. É um pré-requisito para que ela efetivamente opere sob esses dois aspectos é aquilo a que nos referimos como função "textual", pela qual a língua se torna texto, é relacionada consigo mesma e com o seu contexto de uso. Sem o componente textual do significado, seríamos incapazes de fazer qualquer uso que seja da língua.

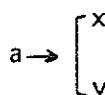
Se quisermos seguir ulteriormente esta linha de interpretação, teremos que passar da língua para alguma teoria dos significados sociais. Do ponto de vista de um lingüista, o trabalho mais importante neste campo é o de Bernstein, cujas teorias da transmissão cultural e da mudança social, segundo as quais a língua está embricada nos processos sociais como elemento essencial dos mesmos, são únicas a este respeito. Embora Bernstein investigue primordialmente fenômenos sociais e não lingüísticos, suas idéias trazem esclarecimentos consideráveis sobre a língua; em particular, em relação ao conceito de língua como potencial significativo, ele conseguiu definir certos contextos que são cruciais para a socialização da criança, e identificar as orientações significativas no comportamento dos participantes dentro desses contextos. As opções comportamentais dos participantes são realizadas, tipicamente, através da língua; e com uma interpretação funcional do sistema semântico, podemos começar a apreciar como é que, enquanto se expressam significados que são específicos de contextos situacionais particulares, a língua serve ao mesmo tempo para transmitir padrões de orientação essenciais no conjunto global da cultura.

Isto fornece respaldo a uma perspectiva funcional da língua. Diante dos nossos olhos, por assim dizer, estão os "usos da língua": estamos interessados no modo como as pessoas usam a língua, e como a língua varia de acordo com o uso que dela se faz. Atrás disso se coloca uma preocupação com a própria natureza da língua: uma vez que interpretamos a noção "usos da língua" em termos suficientemente abstratos, notamos que isto nos ilumina sobre o modo como a língua é aprendida e, por aí, sobre a organização interna da língua, por que a língua é como é. Por trás disso, ainda há uma perspectiva mais profunda, com respeito à sociedade e à transmissão da cultura; pois quando interpretamos a língua nesses termos podemos projetar alguma luz sobre o frustrante problema de como é que os usos mais correntes da língua, nas situações mais corriqueiras, transmitem de maneira tão eficaz a estrutura social, os valores, os sistemas de conhecimento, todos os mais profundos e mais penetrantes padrões da cultura. Com uma perspectiva funcional da língua, podemos começar a apreciar como é que isto se faz.

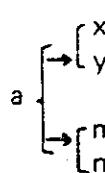
(Traduzido por Rodolfo Hari)

Figura 6

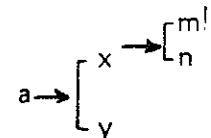
I SISTEMAS



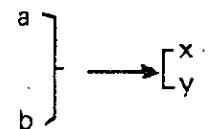
há um sistema x/y com uma condição de entrada a [se a , então x ou y].



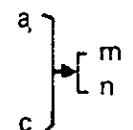
há dois sistemas simultâneos x/y e m/n , ambos tendo uma condição de entrada a [se a , então x ou y e, independentemente, m ou n].



há dois sistemas x/y e m/n , em ordem de dependência tal que m/n tem por condição de entrada x , e x/y tem por condição de entrada a [se a , então x ou y , e se x , então m ou n].



há um sistema x/y com uma condição de entrada composta — a conjunção de a e b [se, simultaneamente, a e b , então, ou x ou y].



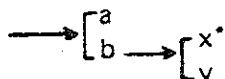
há um sistema m/n com duas possíveis condições de entrada, a ou c em disjunção [se a ou c ou ambos, então m ou n].

$a^* \dots x^*$

[ou qualquer símbolo emparelhado] x é não marcado com respeito a a [se a , então sempre x]

x^*

x é não-marcado com respeito a todos os antecedentes [para qualquer traço tangencial, então sempre x]. Nota: um traço tangencial é o termo obliquus numa relação superordenada, por exemplo a em



II ESTRUTURAS

X X é acrescentado

$X \dots$ X precede (ocorre inicialmente)

$\dots X$ X segue (ocorre em posição final)

$X + Y$ Y segue X

$X: z$ X é (especificado como) z

$X: Y$ X é (combinado num só elemento com) Y

$X = a$ X é (realizado como) a

$[X]$ X é opcional

Figura 6: Convenções notacionais